APONTAMENTOS PARA UMA LEITURA DE GEORG SIMMEL

Simone Pereira da Costa*

Resumo. Este artigo tem por objetivo descrever e analisar algumas questões centrais para a compreensão do pensamento de Georg Simmel. Discute-se como esse importante expoente da sociologia alemã percebe a relação estabelecida entre os indivíduos e a sociedade e as influências que ele exerce sobre intelectuais como Max Weber e Erving Goffman.

Palavras-chave: Georg Simmel, sociologia alemã, produção intelectual.

Notes for reading Georg Simmel

Abstract. The aim of this article is to describe and analyze some crucial necessary to understand Georg Simmel's ideas. How this famous representative of German sociology views the relationship between the individual and society, and how he influenced Max Weber and Erving Goffman are also discussed.

Key Words. German sociology, Georg Simmel, intellectual production.

Introdução

* Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá.

É comum dizer que Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim, quase sempre nesta ordem de prioridade ou definição de importância, são os **clássicos da sociologia**, pais fundadores de uma disciplina que nasce com a responsabilidade de analisar a nova realidade social construída a partir da consolidação da sociedade urbana e industrial. A tentativa de explicitar as paternidades da sociologia pode até ir um pouco mais longe: às vezes, chega-se a Comte e, os mais especulativos, arriscam-se a falar de Condorcet, Saint-Simon e Spencer. Os esquemas criados por livros de introdução à sociologia e as classificações presentes nos grandes manuais de ciências sociais são, em geral, bastante econômicas no resgate de tradições do pensamento social não muito populares, mas nem por isso menos significativas. Nesse tipo de produção acadêmica, a economia de informações é explicada pela necessidade de se apresentar, de maneira rápida e didática, aos leitores, os conceitos sociológicos fundamentais. Entretanto, vários pesquisadores das ciências sociais tendem a reproduzir esse comportamento reducionista em seus trabalhos, deixando de considerar temáticas absolutamente importantes, simplesmente porque elas são apresentadas por autores de pouco prestigiados no universo acadêmico.

A criação dessa **Santíssima Trindade** (Marx, Weber e Durkheim) e a associação dela ao que deve ser apresentado como o básico, o elementar e, também, o mais relevante e sério em sociologia, devem-se a vários fatores que por si só constituiriam temas para pesquisas e artigos. Alguns fatores merecem ser destacados: a) a influência de determinadas escolas de pensamento sobre intelectuais que acabam reproduzindo algumas posturas analíticas sob a forma de ideologia; b) os recursos utilizados no ensino de sociologia para iniciantes, principalmente os de outras áreas das ciências humanas; c) a conformação de um mercado editorial das idéias que têm definido boa parte do que deve ser lido e o que não deve, ditando modas intelectuais que conduzem determinados autores à crista da onda e outros ao esquecimento; d) a popularidade de determinadas idéias e de seus difusores.

Ao longo dos anos de desenvolvimento das ciências sociais, vários autores-chave para a compreensão do que é e de como se organiza aquilo que Coulson e Riddell (1979) chamam de um **núcleo sociológico básico** têm caído no esquecimento. O domínio desse núcleo de informações, gerado pelo trabalho de reflexão e de pesquisa de vários pensadores e de várias correntes de pensamento, revela-se de fundamental importância para o estabelecimento do diálogo acadêmico entre diferentes escolas e as conseqüentes e frutíferas pluralidades de abordagens dos diversos temas tratados pelas ciências sociais, ou seja, o núcleo funciona como aquele referencial mínimo que todo cientista social deve dominar para conseguir debater e dialogar com seus pares. Felizmente, há algum tempo, vem-se percebendo que, para construir análises

corretas da realidade social, é preciso enfrentar questões formuladas não só por Marx, Weber e Durkheim, mas também por pensadores que, por décadas, têm sido pouco estimados pela maioria dos pesquisadores contemporâneos. Neste trabalho, gostaria de contribuir um pouco para o entendimento de um autor que tem sido colocado à margem das discussões desde os primeiros momentos de sua produção intelectual e que, contudo, tem sua importância assegurada no elenco dos grandes cientistas sociais, ou seja, refiro-me à Georg Simmel¹.

O objetivo é descrever e analisar alguns temas e categorias centrais para Simmel (o papel do indivíduo, os processos de interação, a distinção entre forma e conteúdo, entre vida e forma e unidade e mudança social) e fazer algumas breves observações sobre as influências de suas idéias nos trabalhos de Max Weber, seu contemporâneo e, mais recentemente, de Erving Goffman, importante representante da chamada Escola de Chicago. A percepção da influência de Simmel sobre Weber e Goffman por si só já parece justificar um estudo mais cuidadoso do sociólogo alemão; entretanto, adiantaria que, no meu entender, a grande contribuição de Simmel para as ciências sociais assenta-se na elaboração de um estilo de pensar o par dicotômico indivíduo/sociedade em bases, por assim dizer, menos dicotômicas e mais interativas. Hoje, a discussão sobre a relação indivíduo/sociedade pode parecer um pouco velha e, na perspectiva de alguns reprodutores de modelos, até superada, principalmente depois da descoberta de Pierre Bourdieu e de sua importante **teoria dos agentes**, que apresenta os seres humanos como pertencentes às **estruturas objetivas de condições sociais** criadas na experiência do *habitus* cotidiano². Essa teoria dilui a oposição indivíduo/sociedade e mostra as interfaces de uma relação que é fundamental para a elaboração da vida coletiva, ou como diria Durkheim, da vida em sociedade. Então, procurando, de forma bastante modesta e limitada, seguir a boa tradição do pensamento social, convido o leitor a refletir sobre a temática da relação indivíduo/sociedade em Simmel, bem como sobre outras questões presentes em suas formulações.

Particularidades Alemãs

¹ Simmel é classificado por Cohn (1979) e Morais Filho (1983) como o “protótipo do intelectual marginal, livre pensador e ciscador dispersivo de vários temas”. A marginalidade ora se daria por conta da rara presença de trabalhos de Simmel em publicações acadêmicas, ora por ter nascido judeu, na Alemanha, em 1858.

² Informações detalhadas sobre os fundamentos da **teoria dos agentes** de Bourdieu e a definição de seus conceitos de *habitus* e campo devem ser procuradas em 1989, principalmente nos capítulos 2 e 3, e 1972, com algumas partes traduzidas no número 39 da Coleção Grandes Cientistas Sociais.

O contexto alemão no período anterior à constituição da chamada República de Weimar influenciou diretamente a formulação de problemas analíticos que seriam abordados por intelectuais como Dilthey, Windelband, Rickert, Sombart, Weber, Simmel e muitos outros.

Evaristo de Moraes Filho (1983), em comentário introdutório ao número da Coleção Grandes Cientistas Sociais dedicado a Simmel, frisa que a Alemanha se encontrava inserida no contexto da Europa Central que vivia os “anos da virada; anos de grande criatividade espiritual”, caracterizada, fundamentalmente, pelos seguintes acontecimentos: nascimento da psicanálise, teoria da relatividade, positivismo lógico, fenomenologia, música atonal e muitas outras manifestações literárias e filosóficas.

Bárbara Freitag, em artigo que discute as imagens urbanas de Berlim desde 1870 até a queda do Muro, afirma que na história de formação dessa cidade está a explicação para a sua “esquizofrenia urbana”. Berlim teria sido marcada por um **dualismo** e por uma **cisão** que seriam expressos não só na literatura, como investigou Freitag, mas também nas reflexões de pensadores como Simmel e de vários outros, particularmente Sombart e Weber. Segundo Freitag (1995:134), “a polarização pode mudar de nome (leste e oeste, pobres e ricos, empresários e trabalhadores, comunistas e capitalistas etc.) mas resiste ao tempo e à história”. Esse “mundo dividido”, como disse Gabriel Cohn (1979) no primeiro capítulo de **Crítica e Resignação**, livro em que investiga os fundamentos da sociologia de Max Weber, parece explicar, ao menos em parte, a preocupação de Simmel com a depuração e a compreensão das dualidades, das oposições insolúveis.

Lionel Richard (1988) aponta que a Alemanha, no momento anterior à República de Weimar e durante todo esse período, tinha como particularidade a extrema capacidade associativista, expressa no grande número de associações de diferentes matizes, demonstrativo também da pluralidade de valores manifestos nessa sociedade. Havia associações feministas, homossexuais, nacionalistas e nacional-racistas (cujo principal reduto era o Partido Nacional-Alemão, controlador de várias organizações sindicais), nacional-socialistas (representadas pelo Partido Nacional-Socialista), socialistas e comunistas (agrupadas no Partido Social-Democrata), associações religiosas, associações de jovens, etc.

Gabriel Cohn (1979), parafraseando Plessner, diz que a Alemanha ocupava a posição de “nação retardatária”. Segundo Cohn (1979:13), essa posição trouxe aos intelectuais alemães a preocupação de ter que construir a **História** da Alemanha:

Operando num espaço exíguo, o pensamento acadêmico alemão da época refluiu sobre si próprio, interrogava-se sobre sua validade, questionava as

condições mesmas para produzir um conhecimento científico do processo histórico-social que não subordinasse o transcorrer histórico à fatalidade natural nem conduzisse a Universidade, como organização burocrática a serviço do Estado burguês em constituição, a reforçar as correntes de pensamento contestador de tipo socialista. Em parte é por isso que a palavra de ordem **retorno a Kant** encontraria tanta receptividade; não apenas porque por essa via se procurava encontrar terreno seguro para retomar problemas como os da razão, do determinismo e da liberdade, mas também porque, entre a crítica do objeto e a crítica do conhecimento, prevalecia a segunda.

Presenciava-se, portanto, um verdadeiro *boom* de associações, de pessoas que se agrupavam com a finalidade de defender determinados valores e interesses. Essa diversidade política, social e cultural refletia a heterogeneidade, característica de uma sociedade fragmentada e dividida, como observou Freitag ao falar sobre Berlim. No meu entender, essa fase de profunda diversidade associativista teria imputado a seguinte pergunta aos intelectuais alemães: o que leva as pessoas a se associarem, independentemente de elas manterem um vínculo consanguíneo, de amizade ou de parentesco? O que conduz as pessoas a comporem grupos?

É possível observar, na análise dos trabalhos de Simmel, que a construção e a delimitação do objeto da sociologia estaria subordinada à solução da questão: é realmente possível construir um conhecimento científico sobre o mundo histórico-social? Sendo a resposta afirmativa, é possível ser esse um conhecimento total?

Simmel diz que é possível produzir conhecimento do mundo histórico-social, desde que esse conhecimento seja fragmentado. Para ele, a formulação de um quadro totalizador ou de uma **grande teoria** é impossível. Simmel filia-se à tradição do pensamento alemão que só vê viabilidade e coerência em estudos que entendam que a realidade é multifacetada e que cada pesquisador só poderá conhecer algumas ou uma dessas faces. Não há espaço para pensar na criação de **verdades absolutas**, mas sim na **composição** de um conjunto de argumentos que explique determinados fenômenos sociais. O termo **composição** é utilizado por Cohn (1979:5) para referir-se ao empreendimento científico weberiano, mas me aproprio dele para pensar também as estratégias analíticas de Simmel.

Além de Simmel, autores como Ferdinand Tönnies e Leopold von Wiese também demonstram interesse em responder questões referentes à composição dos grupos sociais. Tönnies (1957) toma os sentimentos, as vontades como ponto de partida para compreensão de como as entidades sociais são forjadas ao longo do tempo e como elas representam o que os seres humanos desejam e querem. Wiese (1972) parte do entendimento do que são as forças existentes nos indivíduos para, então, estudar a vida social.

O caminho trilhado por esses autores alemães, em especial Simmel, estaria bastante próximo de uma concepção de sociedade que preza o desejo de liberdade humana. Há uma valorização dos indivíduos fazendo sociedade e há também uma ênfase muito grande nas teias de relações e nas interações que criam a sociedade.

As formas de interação e o papel do indivíduo

A análise do papel do **indivíduo** ocupa posição nuclear nos trabalhos de Simmel, mas talvez fique mais fácil entender essa valorização estudando o que esse autor chama de **interação**, conceito que estaria intimamente relacionado à possibilidade de existir sociedade.

Segundo Evaristo de Moraes Filho (1983:20), no trabalho de Simmel as interações funcionariam como processos psíquicos intermináveis, cujos suportes, como sujeitos da ação, seriam os indivíduos, suas consciências, a totalidade de sua vida psíquica. Em outras palavras, as interações seriam as modalidades de convivência estabelecidas entre os indivíduos, as trocas recíprocas mantidas entre sujeitos que estariam constantemente se relacionando. Como aponta o próprio Simmel (1983:59-60):

A sociedade existe onde quer que vários indivíduos entrem em interação. Esta ação recíproca se produz sempre por determinados instintos (*Trieben*) ou para determinados fins. Instintos eróticos, religiosos ou simplesmente sociais; fins de defesa ou de ataque, de jogo ou de ganho, de ajuda ou de instrução, estes e infinitos outros fazem com que o homem se encontre num estado de convivência com outros homens, com ações a favor deles, em conjunto com eles, contra eles, em correlação de circunstâncias com eles. Numa palavra, que exerça sobre eles e por sua vez os receba deles. Essas interações significam que os indivíduos, nos quais se encontram aqueles instintos e fins, foram por eles levados a unir-se, convertendo-se em uma unidade, numa 'sociedade'. Pois unidade em sentido empírico nada mais é do que interação de elementos.

Como podemos perceber, Simmel emprega o conceito **interação** como sinônimo de **unidade** entre os indivíduos, ressaltando que a existência da sociedade depende dessa união, que pode ser permanente ou passageira. A forma empírica da **unidade** tendemos denominar de **sociedade**, entretanto, Simmel diz **sociação** (1983:60):

(...) A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral da interação. A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses - tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados

casualmente ou induzidos teleologicamente - que os indivíduos constituem tais unidades.

A preocupação de Simmel com as formas fez com que sua sociologia recebesse o adjetivo formal. Gabriel Cohn (1979) diz que a sociologia formal de Simmel busca as formas básicas que o processo de interação social assume, com relativa independência de seus conteúdos. Cohn também destaca que, por vezes, se percebem certas afinidades entre os conceitos forma e sistema; entretanto, há de se notar que, para Simmel, a sociedade não é um todo estático, sistemático ou coerente, ela está em constante formação, num contínuo processo de fazer-se e refazer-se.

As formas puras de interação não são encontradas empiricamente, elas são construídas e funcionam como instrumentos analíticos indispensáveis ao pesquisador. Aqui, é possível estabelecer uma semelhança fundamental entre Simmel e Weber: o uso do **tipo** como instrumento analítico básico na construção do conhecimento histórico-social. Observe-se o que diz Moraes Filho (1983:22), incorporando informações de Tenbruck³:

As formas podem nunca ser encontradas na história; são obtidas pela exageração de certas características dos dados reais; até o ponto em que se tornem **linhas e figuras absolutas**. Funcionam como **tipos ideais**. Aquelas **linhas e figuras absolutas**, na vida real, são encontradas apenas em começo e fragmentos, como realizações parciais que são constantemente interrompidas e modificadas. Antecipou-se Simmel aos conhecidos conceitos metodológicos de Max Weber.

Em um trabalho que trata da presença do estrangeiro ou da situação de ser estrangeiro em determinada sociedade, Simmel (1983:183) fala da constituição de uma forma específica de interação:

A unificação de proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado de maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação.

O fenômeno do estrangeiro também é interessante para pensar a questão da objetividade do conhecimento sociológico, ou qual deveria ser a postura adequada para o sujeito do conhecimento. A objetividade do

³ Gabriel Cohn (1979) fala de outros pontos onde Simmel teria se antecipado a Weber: a) caráter fragmentário do conhecimento histórico-social; b) o distanciamento em relação à realidade estudada pelo cientista; c) o caráter intrinsecamente unilateral do conhecimento.

estrangeiro seria, segundo Simmel, garantida pelo fato de ele não estar submetido a componentes nem a tendências peculiares do grupo, e assim poderia aproximar-se com atitude específica de objetividade. A objetividade do estrangeiro não significaria não-participação, mas um tipo específico e positivo de participação, podendo funcionar como uma espécie de modelo para o que deveria ser a postura do pesquisador em campo, uma vez que o estrangeiro, na percepção de Simmel, é aquele que consegue ajustar passividade e afastamento com proximidade, indiferença e envolvimento. Portando-se como um estrangeiro, o pesquisador poderia ter acesso a confissões, tão caras à produção do conhecimento em sociologia, que por vezes só são feitas a alguém estranho.

Nos trabalhos de Simmel, ainda que o **indivíduo** não desempenhe a função de agente ou de sujeito na organização da esfera social, ele aparece como a expressão da tensão entre vida e forma: “a vida está inescapavelmente condenada a somente se apresentar na realidade na forma de seu oposto, vale dizer, numa forma” (Simmel *apud* Cohn,1979:38).

Os homens são os portadores das formas. Definidas pela vida, elas estão sempre sendo feitas pelos indivíduos em interação, há um momento em que podem se cristalizar e voltar a agir sobre os homens, propiciando aquilo que alguns comentaristas chamam de uma **dialética sem conciliação** na obra de Simmel, como o próprio observa:

‘Todos esses grandes sistemas e organizações supra-individuais, que habitualmente nos vêm ao espírito quando pensamos em sociedades, nada mais são do que cristalizações - sob a forma de quadros permanentes e de formações independentes - de interações diretas entre os indivíduos de forma permanente, a todo o instante e por toda a vida. Com isso, eles certamente adquirem existência autônoma e leis próprias, com as quais também podem confrontar-se e por-se a essas vitalidades mutuamente determinantes (Simmel,1983:83).

Em suma, conferir aos **indivíduos** posição central na análise é condição irrefutável à formulação de um conhecimento perfeito, mas a centralização no **indivíduo** não impediria a análise de eventos conjuntos ou de formas coletivas: “(...) Para um conhecimento perfeito, é preciso admitir que não existe outra coisa senão os indivíduos (...) Então, somente por mero procedimento de método, é que falamos a respeito do Estado, do direito, da moda, etc., como se fossem seres indivisos” (Simmel,1983:49).

Para Simmel, a moda teria um significado e uma função social, estando ligada à vida em sociedade. Através da moda seria possível tecer considerações sobre temas como a relação indivíduo e sociedade, processos de individualização e uniformização. Como afirma Simmel (1988:28-29):

A moda é um fenômeno constante na história de nossa espécie. A moda é a imitação de um modelo dado e proporciona assim satisfação à necessidade de apoio social; conduz o indivíduo ao mesmo caminho pelo qual todos transitam e facilita uma pauta geral que faz da conduta de cada indivíduo um mero exemplo dela (...) Assim, a moda não é senão uma forma de vida particular entre as muitas pelas quais se faz confluír, em uma única atividade, a tendência à igualação social com a tendência à diversidade e ao contraste individual.

O indivíduo na sociedade moderna

No artigo “El secreto y la sociedad secreta”, Simmel discute a importância sociológica do segredo e novamente se dedica a compreender o papel do **indivíduo** na sociedade moderna. A significação sociológica do **segredo** estaria vinculada ao modo de sua realização, na capacidade ou inclinação do sujeito para guardá-lo, ou em sua resistência ou debilidade frente à tentativa de trair a confiança de quem o contou (Simmel,1939:354). Todos os elementos que determinam a função sociológica do segredo são de natureza individual, mas à medida que as disposições e as complicações das personalidades vão se formando, tal função passa a depender da estrutura da vida social em que a vida se desenvolveu. O decisivo para Simmel é que o segredo constitui um elemento individualizador de primeira ordem, chegando o autor à seguinte conclusão: à medida que a adaptação cultural aumenta, os assuntos da generalidade vão se fazendo mais públicos e os do indivíduo mais secretos. Dessa forma,

... o que por sua essência é público e por seu conteúdo interessa a todos, se faz também mais público externamente em sua forma sociológica, e o que por seu sentido interior tem uma existência autônoma, os assuntos centrípetos do indivíduo, adquirem também, em sua forma sociológica, um caráter cada vez mais privado, cada vez mais apto a permanecer secreto (Simmel,1939:357).

O segredo como sinônimo de dissimulação de certas realidades (obtido por meios negativos ou positivos) constitui, para Simmel, uma das maiores conquistas da humanidade. O segredo significa, então, uma enorme ampliação da vida porque, em completa publicidade, muitas manifestações individuais não poderiam ser produzidas. Abre-se, portanto, a possibilidade de um segundo mundo, paralelo ao mundo presente. O mundo presente seria enormemente influenciado por aquele segundo mundo criado de maneira secreta pelos indivíduos em interação. Uma das características de toda relação entre as pessoas e entre os grupos é existir ou não existir segredo e, na medida em que há, o segredo modifica a atitude de quem o guarda e, por conseguinte, de toda relação (Simmel,1939:350-351).

Todas as relações dos homens entre si assentam-se em saberem algo uns dos outros. Saber com quem se está tratando é a primeira condição para

ter trato com alguém. A ação recíproca entre os indivíduos se funda na imagem que cada um forma do outro. As relações se desenvolvem sobre a base de um saber mútuo e esse saber se funda sobre a relação de fato. Então, conhecer não significa ter penetrado no individual, na personalidade de alguém, mas sim que cada um dos conhecidos tem notícia da existência do outro, como destaca Simmel (1939:342):

O grau de conhecimento que supõe o ser **conhecido** não se refere ao que os outros são **em si**, não é o seu interior, senão aquela parte que se manifesta aos demais, ao mundo. Por isso o **conhecimento** neste sentido do trato social é o lugar adequado da **discrção**. Esta não consiste tão somente em representar o segredo do outro, sua vontade direta de ocultar-nos tal ou qual coisa, senão em evitar conhecer do outro o que ele positivamente não nos revele.

A violação da personalidade se dá quando atentamos contra o patrimônio ou propriedade material e quando atentamos contra a propriedade espiritual privada. Esse segundo tipo de violação atinge o **Eu** em seu centro mais íntimo.

Em resumo, é preciso existir conhecimento para existir interação social. O conhecimento está em sua totalidade baseado na confiança de que não somos enganados. Logo, o conhecimento, como constitutivo de relações sociais, é sempre um **conhecimento precário**, é também um **não-conhecimento**. Para Simmel, o conhecimento não é somente lógico, há toda uma gama de sentimentos e de sensações de coisas não lógicas e imprevisíveis que estão presentes quando um sujeito conhece o outro, ou se quisermos, quando um sujeito se dispõe a conhecer alguma coisa. Por isso, há sempre o recurso ao que Simmel chama de procedimentos intuitivos. Vejamos:

... carecemos de um meio que nos permita, em todas as circunstâncias, discernir a forma e o conteúdo nos elementos sociológicos (...) A esta altura, apesar do *odium* que atrairemos sobre nós, devemos falar de procedimentos intuitivos - por mais longe que estejam de qualquer intuição especulativa e metafísica. Referimo-nos a uma particular disposição do olhar, pela qual se realiza a distinção entre forma e conteúdo (Simmel,1983:68-9).

Essa particular disposição do olhar, mencionada por Simmel, habilitaria o sociólogo a perceber a importância de fenômenos como a situação de ser ou portar-se como estrangeiro, o papel da moda, o segredo, a dinâmica das sociedades secretas e, como analisou Cohn (1998), em artigo recente que trata das diferenças entre Simmel e Luhmann, a relevância social da gratidão no entendimento das relações de reciprocidade que são criadas pelos indivíduos nos processos de interação. Portanto, para Simmel, a questão central não é descobrir a forma ou a fórmula de construção do objeto da

sociologia, mas sim a melhor maneira de isolá-lo e depurá-lo. Na perspectiva simmilianiana, o que distingue a sociologia das demais ciências históricas e sociais não é o seu objeto e sim o modo de considerá-lo, a abstração particular que se processa quando optamos por elaborar uma análise sociológica de determinado fenômeno (Simmel, 1983:63).

A questão da unidade social e a necessidade de mudança

Como conceber a idéia de unidade social em uma sociedade fragmentada, marcada por indivíduos exteriores uns aos outros? Como explicar a permanência dos grupos em uma sociedade dividida?

Para Simmel, nas sociedades fragmentadas também é possível encontrar uma unidade social. Os grupos que nela vivem permanecem porque há interação. Logo, são as trocas recíprocas entre os homens que garantem a unidade social. Então, como tratar a questão da renovação?

O conflito que, segundo Simmel, está presente em todas as relações entre vida e forma propicia a renovação, a mudança. A renovação lenta e progressiva do grupo é que faz sua imortalidade, fenômeno sociológico extremamente relevante para esse autor.

A mudança é um meio que os grupos têm para se adaptarem às necessidades da vida. Simmel não a concebe no sentido de ruptura e sim de reforma. Reforma necessária para garantir a coesão social. Sendo assim, a mudança está limitada à própria existência eterna da sociedade, à condição de manutenção da sociedade que seria, por assim dizer, **irrompível**. O método que leva o pesquisador a perceber o porquê da existência eterna da sociedade e a compreender por qual motivo as mudanças e as renovações são necessárias deve considerar os **processos-microscópicos moleculares** que mais tarde se tornariam **macroscópicos**. Como aponta Simmel (1983:72, grifo meu):

... Os passos infinitamente pequenos criam a conexão da unidade histórica; as interações de pessoa a pessoa, igualmente pouco visíveis, estabelecem a conexão da unidade social. Tudo quanto acontece no campo dos contínuos contatos físicos e espirituais, as mútuas excitações ao prazer e à dor, as conversações e os silêncios, os interesses comuns e antagônicos, é o que faz com que a sociedade seja **irrompível**; de tudo isso dependem as flutuações de sua vida, mediante as quais seus elementos ganham e perdem, transformam-se incessantemente. Talvez, partindo deste ponto de vista, obtenha-se para ciência social o que se obteve com o microscópio para ciência da vida orgânica.

As proximidades com Weber

O conceito de ação social, como é definido por Weber, guarda algumas semelhanças com o conceito interação social, criado por Simmel.

Weber diz que ação social é a ação na qual o sentido (imaginado e subjetivo) sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento de outros. Simmel, como vimos anteriormente, fala que as formas de interação social são as trocas recíprocas mantidas entre os sujeitos que estão constantemente se relacionando.

A diferença entre esses dois conceitos reside no fato de Weber não condicionar à ação social o caráter de reciprocidade, como faz Simmel ao falar da interação social. Mas, tanto para Weber quanto para Simmel, ação social e interação social, respectivamente, constituem-se em objetos privilegiados para a análise sociológica.

Para Weber, a ação, como orientação significativamente compreensível do próprio comportamento, só existe como comportamento de uma ou de várias pessoas. Somente os indivíduos podem ser sujeitos de uma ação que se orienta num sentido; em última instância, é isso que importa à sociologia. Segundo Weber, a ação social não é idêntica nem a uma ação homogênea de muitos, nem a toda ação de alguém influenciada pelo comportamento dos outros.

Talvez o conceito weberiano de relação social tenha mais proximidade com o que Simmel entende por interação social. Ao qualificar o que são as relações sociais, Weber também considera o princípio da reciprocidade, quando destaca:

Por **relação social** deve-se entender um comportamento de vários - referido reciprocamente conforme o seu conteúdo significativo e orientando-se por essa reciprocidade. A relação social consiste pois, plena e exclusivamente, na probabilidade de que se agirá socialmente numa forma indicável (com sentido), sendo indiferente, por ora, aquilo em que a probabilidade repousa (Weber,1992:419).

Uma relação social pode ter um caráter inteiramente transitório ou implicar permanência, seu conteúdo significativo pode variar, ser formulado como **máximas** e pactuado por **declarações recíprocas**.

Em suma, a relação social entre indivíduos está vinculada a um terceiro, a ordem que já foi determinada cristalizou-se e, hoje, volta a interferir nas relações que se estabelecem entre os sujeitos. A ação social e a relação social podem, segundo Weber, aparecer na representação da existência de uma ordem legítima. A validade de uma ordem, mais do que a mera regularidade do desenvolvimento da ação social, significa um momento cuja transgressão não somente traz prejuízos, mas, normalmente, é rejeitada devido ao sentimento de dever.

O conceito de **tipo ideal** está intimamente relacionado à forma como Weber constrói seu método de análise dos fatos histórico-sociais. O tipo ideal

é um recurso metodológico. Os tipos, como ressalta Jaspers (1977:129), são instrumentos para elevar à máxima consciência aquilo que é específico da realidade humana; da construção dos tipos depende a apreensão da realidade na perspectiva weberiana.

Segundo Weber (1992:402), os conceitos construídos pela sociologia tendem a ser vazios em relação ao seu conteúdo. Em contrapartida, a sociologia oferece a unicidade desses conceitos, alcançada em função da possibilidade de uma adequação que, por sua vez, é atingida, na forma mais plena, por meio de regras e de conceitos racionais. Mas a sociologia procura também apreender, mediante conceitos teóricos adequados, fenômenos irracionais:

O método científico que consiste na construção de tipos investiga e expõe todas as conexões de sentido irracionais e afetivas sentimentalmente condicionadas do comportamento que tem influência sobre a ação como **desvios** de um desenvolvimento desta mesma ação que foi construído como sendo puramente racional em relação a fins.

Os tipos ideais de Weber se aproximam bastante das formas puras de Simmel, das formas destituídas dos conteúdos, constituindo essa operação de destituição um recurso metodológico indispensável para composição do conhecimento sociológico também na abordagem simmilianiana.

A apropriação feita por Goffman

No livro **A representação do Eu na vida cotidiana**, Goffman desenvolve várias idéias que guardam alguma semelhança com o trabalho de Simmel. O próprio Goffman, no prefácio do referido livro faz menção a Simmel:

A justificativa desta abordagem (**que suponho seja também a justificativa de Simmel**) é de que as ilustrações em conjunto formam um quadro de referência coerente, que liga as paredes de experiência que o leitor já teve e oferece ao estudante um guia que vale a pena pôr à prova no estudo de casos da vida social institucional (Goffman,1985:9-10, grifo meu).

Goffman descreve a posição do observador de acordo com o conhecimento que ele tem do indivíduo. Se o indivíduo é desconhecido, Goffman diz que o observador pode obter informações a partir da conduta e da aparência do indivíduo, da experiência anterior que tenha tido com indivíduos aproximadamente parecidos, da aplicação de estereótipos não comprovados, da suposição que somente indivíduos de determinado tipo são provavelmente encontrados num dado cenário social, da confiança no que o

indivíduo diz de si mesmo ou das provas documentais que exhibe. Se o indivíduo for conhecido, o observador poderá confiar nas suposições relativas às persistências e à generalidade de traços psicológicos, como meio de predizer-lhe o comportamento presente e futuro. A conclusão preliminar é que o observador quase sempre levará vantagem sobre o indivíduo-ator (Goffman,1985:11).

O indivíduo transmite, assim, símbolos verbais e emite ações. Goffman afirma que, em seu trabalho, privilegiará as expressões emitidas, ou seja, as ações. O estudo do que é a representação do **Eu** na vida cotidiana de uma sociedade passaria pela explicação de como esse **Eu** se apresenta e reage em determinada situação concreta (face a face), ou seja, numa situação visível. Assim, a informação inicial assume importância capital. É com base nela que o indivíduo começa a definir a situação e a planejar as linhas gerais da ação. A projeção inicial do indivíduo prende-o àquilo que está se propondo ser e exige que abandone as demais pretensões de outras coisas. A interação iniciada por **primeiras impressões** é simplesmente a interação inicial de uma extensa série de interações envolvendo os mesmos participantes (Goffman,1985:19).

Goffman (1995:23) define interação da seguinte forma: “(...) a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros.”

O indivíduo teria em mente o constante interesse de regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam. Há uma crença de que o indivíduo faz sua representação e dá seu espetáculo para benefício dos outros. A proposta de Goffman é de que se inverta tal proposição: o indivíduo que representa e dá espetáculo está incluso no grupo daqueles a quem ele pensa estar passando uma impressão da realidade.

Segundo Goffman (1985:25-26), o indivíduo trabalha com a existência de dois extremos: pode estar convencido de seu ato ou ser cínico a respeito dele. “(...) Quando o indivíduo não crê em sua própria atuação e não se interessa em última análise pelo que seu público acredita, podemos chamá-lo de cínico, reservando o termo **sincero** para os que acreditam na impressão criada por sua representação”.

Goffman chama atenção para algumas características gerais da representação que podem ser consideradas como “coações da interação”, que agem sobre o indivíduo e transformam suas atividades em representações. É interessante perceber que, através da explicação dos efeitos dessas características no processo de representação do **Eu**, Goffman introduz alguns elementos que mostram como ele reformula as idéias de Simmel e não as reproduz simplesmente. Um ponto chave dessa reformulação diz respeito à

sociedade. Penso que na proposta de Simmel, os homens interagem para **produzir** sociedade - a idéia de que a sociedade está constantemente se fazendo, que não é um todo estático. E nas proposições de Goffman, os homens interagem com a finalidade de **reproduzir** sociedade. Dessa forma, Goffman introduz algumas idéias que não aparecem em Simmel, por exemplo, a idéia de consenso e de controle:

... espera-se que cada participante suprima seus sentimentos cordiais imediatos, transmitindo uma visão da situação que julga ser, ao menos temporariamente, aceitável pelos outros. A conservação desta concordância superficial, desta aparência de consenso, é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apóiam valores aos quais todos os presentes se sentem obrigados a prestar falsa homenagem. (Goffman,1985:18)

Outra idéia de Simmel, reformulada por Goffman, é a idéia de conflito. Para Goffman, o consenso operacional evitaria a possibilidade de um conflito aberto, é como se o conflito existisse para ser sempre resolvido. Portanto, quando algo no processo de interação face a face sai errado, experimentamos a anomia.⁴ Logo, parece que não há homogeneidade na forma como Goffman e Simmel vêem a relação do indivíduo com a sociedade.

Goffman crê que, apesar da autonomia do indivíduo, a sociedade cria formas que conduzem a uma certa “socialização comum”, os papéis representados pelos indivíduos se cristalizam e esse expoente da sociologia norte-americana chega a conclamar a necessidade de uma “burocratização do espírito”:

Assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e a exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo (...)Espera-se que haja uma certa burocratização do espírito, a fim de que possamos inspirar a confiança de executar uma representação perfeitamente homogênea a todo tempo. Como diz Santayna, o processo de socialização não apenas transfigura, mas também fixa. (Goffman,1985:41 e 58)

Simmel reconhece que, em determinados momentos da vida social, as formas se cristalizam, mas o indivíduo teria plena autonomia para agir sobre essas formas e transformá-las.

Conclusão

⁴ Para Simmel (1983), o conflito não tem necessariamente que ser resolvido, ele é parte integrante do processo de interação social, como mostra em *A Natureza Sociológica do Conflito*. No que se refere à essa temática do conflito, parece estar Goffman mais próximo de Durkheim do que de Simmel.

Demonstrar que só é possível conhecer de forma fragmentada, negando, portanto, qualquer possibilidade de uma verdade absoluta é a principal característica da sociologia de Simmel e de vários outros autores que integram a chamada sociologia acadêmica alemã (Weber, Tönnies, Sombart, Wiese, etc).

Para esses autores, a sociedade não deveria ser vista como algo dado à espera de alguém para descrevê-la e analisá-la, mas deveria ser construída a cada momento que se produz conhecimento e estaria sempre sendo feita e refeita pelos homens em seus processos de interação.

Dessa forma, a palavra **construção** é muito importante para a compreensão do trabalho de Simmel e também de Weber, talvez um pouco menos para o de Goffman; assim como a palavra definição é fundamental para o entendimento da proposta durkheimiana. Ao contrário de Simmel, Weber e Goffman consideram as relações estabelecidas entre os indivíduos, ou seja, as interações sociais, as ações sociais e as representações sociais, respectivamente; Durkheim privilegia uma visão de sociedade que independe e é auto-suficiente dos indivíduos. Para Durkheim, o objetivo da sociologia seria conhecer a totalidade da vida social, concebendo a sociedade enquanto um conjunto de funções.

Por último, gostaria de observar que Goffman reformula algumas idéias de Simmel, mas a conotação que atribui ao papel desempenhado pelo indivíduo no processo de conhecimento é outra. A aparente autonomia conferida aos indivíduos no início do estudo de Goffman sobre a representação do **Eu** desliza para um enfoque do papel do indivíduo dentro do processo de socialização. Simmel não anula a importância da sociedade, mas compreende o indivíduo no processo de socialização. Essa diferença conduz a formas distintas de pensar, por exemplo, a questão da mudança social. Na perspectiva adotada por Simmel, ainda há alguma chance de o indivíduo transformar a sociedade, talvez através de uma saída individual - no plano do pensamento, na opção por uma moda ou no refúgio de uma sociedade secreta. Em Goffman, por mais que se fale em indivíduo, por mais que se acredite que todo indivíduo é capaz de ser bem sucedido, há sempre a sombra da sociedade **moldando-o** ou pelo menos causando uma certa **socialização comum**.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une Theorie de la Pratique, Précédé de Trois Étude d'Éthnologie Kabyle*. Genebra: Libraire Droz, 1972.

- _____. *O Poder Simbólico*. Trad. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- COULSON, Margaret & Riddell, David. *Introdução Crítica à Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- COHN, Gabriel. *Crítica e Resignação. Fundamentos da Sociologia de Max Weber*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- _____. As Diferenças Finas: de Simmel a Luhmann. *Tempo Social*, São Paulo, n. 38, v.13, p. 53-62, 1998.
- FREITAG, Barbara. Berlim: fronteiras imaginárias, fronteiras reais?. *Tempo Social*, São Paulo, n. 1-2, v.6, p. 127-145, 1995.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Trad. Petrópolis: Vozes, 1985.
- JASPERS, Karl. Método e Visão do mundo em Weber. In: COHN, Gabriel. *Sociologia: para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- LIONEL, Richard. *A República de Weimar 1919-1933*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- SIMMEL, Georg. La Moda. In: *Sobre la Aventura – Ensayos Filosóficos*. Barcelona: Península, 1988.
- _____. El Secreto y la Sociedad Secreta. IN: *Sociologia: Estudios sobre as Formas de Socialización*. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina, 1939.
- TÖNNIES, Ferdinand. Community & Society. In: *Community & Society*. New York: Harper & Row, 1957.
- WEBER, Max. Conceitos Sociológicos Fundamentais. In: *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 1992.
- WIESE, Leopold von. Os Processos de Interação Social. In: *Homem e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.